

Introdução

O Cântico dos Cânticos é um longo poema composto por 117 versículos¹. Ele faz parte dos *Ketuvim*, ou seja, dos escritos da sabedoria (Salmos, Provérbios, Jó, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Neemias etc.) que, dando sequência à Torá e aos Profetas, constituem a Bíblia.

Rabi Akiba declarou que se todos os livros da Bíblia são santos, o Cântico dos Cânticos o é duplamente; mas como tudo aquilo que é santo (segundo a própria etimologia da palavra, “santo” = separado), o Cântico continua sendo um texto de difícil acesso. Assim como a sarça ardente, não é possível abordá-lo sem primeiro tirar “suas sandálias de pele”, ou seja, sem mudar seu olhar e sua atitude, pois nessa sarça de palavras exóticas queima um fogo tanto singular quanto universal...

Uma antiga tradição de Israel ensina que no Sinai Deus falou uma vez, mas os 600 mil ouvintes – ao pé da montanha – escutaram 600 mil discursos!

Um outro princípio da exegese hebraica afirma que cada versículo bíblico tem 70 sentidos diferentes... Isso é particularmente verdadeiro em se tratando do Cântico dos Cânticos. Poderíamos escrever um enorme volume sobre a história dos seus comentários, pois poucos livros foram mais lidos, traduzidos e comentados.

1. Segundo André Chouraqui, a divisão em oito capítulos seria bastante tardia (cf. *Le cantique des cantiques suivi des Psaumes* [traduzidos e apresentados por André Chouraqui. PUF, 1970]).

O *Targum*, o *Midrash*, os textos rabínicos, dos antigos aos mais modernos, não veem no Cântico nada mais do que uma exposição da história de Israel em seus três grandes atos: (1) a saída do Egito e o período bíblico até a destruição do Templo, (2) o exílio e, enfim, (3) a redenção messiânica.

Para o Zohar (II, 144a), o Cântico dos Cânticos constitui o resumo de toda a Bíblia e de toda a obra da criação, o resumo do mistério dos patriarcas, da escravidão no Egito e da libertação de Israel; é o Cântico entoado no momento da passagem do Mar Vermelho; ele é o resumo do Decálogo e da Teofania do Sinai, de tudo aquilo que se passou em Israel durante sua estadia no deserto até sua entrada na Terra Prometida e a construção do Templo.

Ele é a síntese do mistério do Nome sagrado do Altíssimo; ele é a síntese da dispersão de Israel entre as nações e a sua libertação. Ele é a síntese da ressurreição dos mortos e dos acontecimentos que se produziram até o dia chamado de “o *Shabat* do Senhor”.

O Cântico dos Cânticos contém tudo aquilo que é, foi e será. Todos os acontecimentos que se passarão no sétimo milênio – que constituem o *Shabat* do Senhor – estão resumidos no Cântico. É por essa razão que a tradição nos diz que, quando um homem se serve de um versículo do Cântico como se este fosse uma canção profana, a Escritura se queixa a Deus como se estivesse fazendo uma advertência!

A palavra *shir*, “cântico”, designa o número “um”; *shirim*, “cânticos”, significa “dois”, o que faz três... É o mistério do cálice da bênção que deve ser segurado com a mão direita e em seguida passado à mão esquerda.

O Cântico dos Cânticos forma a coroa do Rei da Paz. Ali encontramos o mistério mais sublime do Infinito (*Ain Soph*) e do carro sagrado (*Merkaba*). Ao unir o Rei Davi aos patriarcas, obtemos o número quatro, que é o número do mistério do carro sagrado do Altíssimo... “É o mistério de toda a fé e a síntese do carro da paz que

conhece a si mesmo, mas que não é conhecido por ninguém e que nada pode concebê-lo.”

A exegese cristã interpretará o Cântico dos Cânticos à luz da revelação particular recebida na vida e nas palavras de Jesus de Nazaré. A união do Bem-amado e da Bem-amada simbolizará a união do Cristo e da Igreja, ou ainda, para místicos como São João da Cruz ou Tereza d'Ávila: a união da alma e do seu Deus.

Mais recentemente (particularmente no século XIX), foram dadas interpretações mais naturalistas do Cântico, nas quais a psicologia tem a primazia sobre os números da mística. A alusão aos seios e às coxas da bem-amada bastam para fazer dele um poema puramente erótico: “[...] nada mais do que a paixão de um pastor e de uma pastora”².

Eu vejo o mundo como “eu sou”, dizia Paul Éluard. Cada um lê o Cântico de maneira única; a intensidade da luz que dele recebe depende da capacidade e da abertura do seu olhar.

No entanto, como um quadro de Chagall, essas diferentes interpretações se completam mais do que se contradizem; podemos virá-las em todas as direções, pois todas as direções são verdadeiras. Cada uma traz o seu olhar para que haja maior clareza. A confusão começa quando uma interpretação afirma ser “a única aceitável”. Então, os 600 mil cantos se tornam 600 mil discursos. Nós não nos ouvimos mais.

A palavra que era, antes de tudo, louvor, torna-se argumento e polêmica, antes de cair em letras mortas. A Escritura não é a palavra ouvida pelo poeta. Ela é apenas o seu eco... Por vezes o eco é rico, como no Cântico, mas não passa de um eco.

2. Para mais informações sobre o Cântico, sua composição e suas interpretações, cf. CHOURAQUI, A. Op. cit. • VULLIAUD, P. *Le cantique des cantiques d'après la tradition juive*. Paris: PUF, 1925. • *Le Cantique des Cantiques* [tradução e comentários de André Robert e Raymond Tournay. J. Gabalda et al., 1963. A bibliografia desse livro, apesar de parcial, não comporta menos do que 250 títulos].

Devemos conhecer os limites do poema; ele está longe do beijo. A Escritura mantém-se ali, em lembrança do Sopro, testemunha do Alento. Aquilo que fez o Cântico nascer permanece intraduzível. E, no entanto, é para lá que devemos voltar. Com a ajuda dessas pobres palavras, desses poucos ritmos, podemos procurar reencontrar a experiência do profeta, do poeta; seu amor, sua dilaceração, sua alegria... E, para isso, não basta um pouco de intuição e muitos dicionários. Da mesma maneira que “o Credo pertence apenas àqueles que o viveram” (Filareto de Moscou), o Cântico só é compreensível àqueles que o vivem.

“Conhecer”, no sentido bíblico, é “fazer apenas um com...” “Adão conheceu Eva, sua mulher...”, ou ainda, como dizia Claudel: “Co-nascer”³, nascer-viver com...

“Aquele que não viveu um grande amor não ‘conhece nada de Deus’, pois ‘Deus é Amor’ (1Jo 4,7-8). Aquele que não viveu um grande amor, que inteligência poderá ter do Cântico? O que ele poderá compreender da Bíblia, essa história de amor entre um Deus ciumento e um povo infiel? O que ele poderá compreender do Cristo, esse homem que o Amor esquartejou e ressuscitou?”

Sem dúvida, é preciso ter sido ferido pelo amor para estar à altura de traduzir o Cântico e encontrar as palavras que vêm do coração e das suas feridas. Mas será preciso pintar, com os olhos fechados, aquilo que vemos no Invisível? Como dizer aquilo que escutamos no leve Sopro? Haverá sempre uma fidelidade a cores e a palavras que não inventamos.

Ser fiel ao Cântico é, primeiro, ser fiel ao contexto no qual ele foi composto: ao paganismo do antigo Oriente e à língua na qual

3. Jogo de palavras intraduzível para o português: dentro da palavra “*connaître*” (“conhecer”) temos a palavra “*naître*” (nascer), daí a observação do autor: para “*connaître*” (“conhecer”) seria necessário “*co-naître*” (“nascer com”) [N.T.].

ele foi escrito: o hebraico. As línguas semíticas, feitas de imagens, transmitem sobretudo “visões”, sequências de imagens. Uma língua tão exata quanto o francês, por exemplo, tem bastante dificuldade em representá-las. Traduzir o Cântico dos Cânticos para uma língua ocidental, latina, é como colocar um garanhão selvagem em um estábulo; um “estábulo modelo”, sem dúvida, mas, oh! como é estreito! No entanto, é preciso ousar. O pássaro de fogo, com a graça do vento, mesmo fechado em sua gaiola, nos oferecerá um pouco do seu canto...

Trata-se aqui de uma “tentativa de tradução”, ou seja, “tentamos” nos aproximar desse cavalo selvagem sem domesticá-lo demais (isso faria com que ele perdesse sua natureza) nem tampouco deixar-lhe liberdade em demasia (coices demais nas línguas francesa e portuguesa, hebraísmos demais, tornariam o texto ilegível). Estamos dizendo que a nossa tradução se situará entre a “legibilidade” muito pouco poética das traduções da Bíblia de Jerusalém e da TEB e da preciosidade hebraizante de André Chouraqui. Mas não há tradução “exata”, assim como não existe tradução “autorizada”. Cada um aborda o texto com seu temor e seu deslumbramento, sua ciência e seu desejo... Quanto mais avançamos em profundidade no Cântico, mais a sua luz se torna obscura... Pois o Amor não é fácil. Ele não se entrega ao primeiro olhar, não é possível narrá-lo. Ele nos faz sair dos caminhos conhecidos, das mais elevadas imagens, as mais inesperadas. Só estão ali para nos deixar sem fôlego, para mudar nosso coração.

Quanto mais lemos o Cântico, menos encontramos seu sentido e mais encontramos seu “charme”⁴. Talvez a verdade, quando indissociável do amor, seja este “charme” no sentido “mágico” do termo: alguma coisa que nos faz vibrar a uma outra realidade, no próprio coração das nossas realidades mais quotidianas.

4. Charme, do latim *carmen*, quer dizer ao mesmo tempo “canto” e “enfeitamento”.

O corpo da mulher ou a terra de Israel, frequentemente interpretados como objeto dos símbolos, revelam-se também como caminhos, sinais, e é preciso caminhar mais longe... A palavra apaga-se no sentido, e o próprio sentido deve ceder lugar a um canto puro...